

# VEREDAS

**Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**

VOLUME 8



PORTO ALEGRE  
2007

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. Sua sede se localiza na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembléia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. Seu patrimônio é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembléia Geral.

### **Conselho Diretivo**

Presidente: Regina Zilberman, UFRGS  
[regina.zilberman@gmail.com](mailto:regina.zilberman@gmail.com)

1º. Vice-Presidente: Carlos Reis, Univ. de Coimbra  
[c.a.reis@mail.telepac.pt](mailto:c.a.reis@mail.telepac.pt)

2º. Vice-Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela  
[fjetorres@usc.es](mailto:fjetorres@usc.es)

Secretária-Geral: Maria da Glória Bordini, UFRGS  
[mgbordini@portoweb.com.br](mailto:mgbordini@portoweb.com.br)

Vogais: Ana Mafalda Leite (Univ. Nova de Lisboa); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Cristina Robalo Cordeiro (Univ. Coimbra); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. Roma, La Sapienza); Fátima Celeste Ribeiro (Contacto, Serviços de Línguas, Lda); Helena Rebelo (Univ. da Madeira) M. Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Rolf Nagel (Univ. Duisburg); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro).

### **Conselho Fiscal**

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Thomas Earle (Univ. Oxford)

Associe-se pela *homepage* da AIL:

[www.lusitanistasail.net](http://www.lusitanistasail.net)

Informações pelos *e-mails*:

[lusitanistasail@terra.com.br](mailto:ailusit@ci.uc.pt); [ailusit@ci.uc.pt](mailto:ailusit@ci.uc.pt)

# Veredas

## Revista de publicação anual

Volume 8 – Agosto de 2007

***Diretor:***

Regina Zilberman

***Diretor Executivo:***

Benjamin Abdala Junior

***Conselho Redatorial:***

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Mafalda Leite; Carlos Reis; Cristina Robalo Cordeiro; Elias Torres Feijó; Ettore Finazzi-Agrò; Fátima Celeste Ribeiro; Fátima Viegas Brauer-Figueiredo; Helena Rebelo; Laura Calcavante Padilha; M. Carmen Villarino Pardo; Maria da Glória Bordini; Rolf Nagel; Sebastião Tavares de Pinho; Teresa Cristina Cerdeira da Silva; Thomas Earle

***Redação:***

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereço eletrônico: [ailusit@ci.uc.pt](mailto:ailusit@ci.uc.pt)

***Realização:***

Coordenação: Luiz Fagundes Duarte

Revisão: Tania Regina Ortiz Vernet

Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

***Impressão e acabamento:***

Evangraf, Porto Alegre, Brasil

ISSN 0874-5102



## SUMÁRIO

EDITORIAL .....	09
LUIZ FAGUNDES DUARTE	
Tempo de perguntar .....	11
<b>TEORIA E CRÍTICA DA CRÍTICA</b>	
ALMUTH GRESILLON	
La critique génétique: origines, méthodes, théories, espaces, frontières .....	31
GIUSEPPE TAVANI	
O texto medieval e as suas “misérias e desventuras” .....	46
VANDA ANASTÁCIO	
Quando o papel interfere com a escrita: reflexões sobre alguns autógrafos do Segundo Marquês de Alorna .....	75
JOÃO DIONÍSIO	
<i>Criticus fit</i> .....	104
<b>CRÍTICA E LINGUÍSTICA</b>	
HEITOR MEGALE, SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO, PHABLO ROBERTO MARCHIS FACHIN, RENATA FERREIRA COSTA, VANESSA MARTINS DO MONTE	
Crítica textual: análise grafemática e pesquisa lingüística .....	127
LUÍS PRISTA	
Um manuscrito de João Félix Pereira: a <i>Carta</i> sobre a Reforma Ortográfica de Barbosa Leão .....	147

## ***O Livro das Mil e uma Noites*** **Dilemas e opções de uma tradução**

**MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE**

Universidade de São Paulo

A tradução ao português do *Livro das Mil e uma Noites*, cujos dois primeiros volumes se publicaram em 2005, conduziu ao enfrentamento prático de uma série de dificuldades teóricas que, antes de iniciado o trabalho, pareciam não ter muita importância (ou pareciam ter importância secundária), e sobre as quais o tradutor não teve oportunidade de refletir de maneira sistemática. O trabalho de certo se ressentiu da falta de tradição, em português, de traduções de obras árabes – não somente do *Livro das Mil e uma Noites*, mas de quaisquer obras, o que é tanto mais lamentável quanto se pense nas históricas relações entre os mundos lusófono e arabófono, que somente a mesquinha de espírito conseguiria negar. Nem sequer letrados árabes nascidos em terras lusitanas, como Ibn Bassám Ax-xantarími (de Santarém!), autor de importante obra histórico-literária, têm ao menos meia dúzia de páginas vertidas à nossa língua.

O caso do *Livro das Mil e uma Noites* chega a ser acintoso. Em espanhol, três traduções diretas, Vernet, Samsó e Cansinos-Asens (embora se possa, com motivos de sobra, desconfiar deste último); em francês, Galland, Mardrus, Khawam e Jamel Eddine Bencheikh; em inglês, Pane, Scott, Lane, Burton e Haddawy; em ale-

mão, Weil, Henning, Littmann e a mais recente, Claudia Ott. Italiano, catalão, russo, dinamarquês, enfim, não existe língua ocidental que não possua pelo menos uma tradução direta desse livro. A exceção? O português, que contava somente com traduções indiretas, uma das quais realizada por seletto grupo de literatos portugueses a partir da tradução francesa de Mardrus. Mas que não passava disso: uma excelente e caprichada tradução de obra literária francesa!

O presente artigo, apesar dos pesares, consiste não na ladainha que tendeu a ser mas sim numa primeira tentativa de fazer algumas reflexões a respeito do processo de tradução dessa obra, mediante a utilização de sugestões colhidas nos questionamentos e indagações feitos ao tradutor em círculos não-especializados, provenientes, notadamente, da imprensa e dos leitores em geral. E isso certamente explicará (quicá atenuando-o) o caráter pouco mais ou menos esparso, ou assistemático, dessas primeiras anotações.

Os dois primeiros volumes encerram o que a crítica filológica tem chamado, não sem alguma reserva, de “ramo sírio” do livro. Seu pressuposto é o seguinte: a obra, de remotas e mal determinadas raízes persas (o livro *Hazár Afsána*, conhecido apenas e tão somente pela descrição tardia e bem sucinta que dele faz o bibliófilo bagdali Annadim Alawarráq em seu *Catálogo*, e por umas rápidas palavras do historiador Almas‘údi, ambos no século X d.C.), teria tido uma primeira “matriz” elaborada em terras iraquianas por volta do século IX d.C. Dessa matriz se sabe muito pouco além do fato de que existiu, atestado por documentos bem fragmentários (são menos de vinte linhas) descobertos no final da década de quarenta do século XX: haveria sido mera tradução (resguardado o elástico conceito que a tradução podia ter no período) do texto persa ou já se constituiria, efetivamente, numa outra obra que se aproveitava, de modo esporádico, de elementos estruturais e/ou temáticos constantes daquele? O laconismo e a escassez dos documentos não permitem respostas categóricas.

Como quer que seja, o *corpus* mais antigo que chegou aos nossos dias é, conforme se disse, do ramo sírio, constituído pelos manuscritos copiados nessa região do Levante, e que na realidade não são mais do que quatro, todos hoje depositados em bibliotecas européias: o mais antigo em data é o que foi dividido em três códi-

ces na Biblioteca Nacional de Paris, sob os números 3609-3611. Pertenceu ao renomado diplomata e orientalista francês Jean-Antoine Galland, responsável pela primeira tradução do livro no Ocidente, e – conquanto a mais remota data de posse nele registrada seja o ano de 1455 – sua cópia remonta, segundo Muhsin Mahdi, ao século XIV d.C. O segundo, acéfalo, pois lhe falta, no mínimo, a primeira folha, encontra-se na Biblioteca Apostólica Vaticana, sob o número 782, em dois volumes (divisão operada na própria biblioteca), apresentando no final, com caligrafia de um certo Ibrahim Aramál (diferente da de seus dois copistas), a data de 1001 da Hégira, correspondente a 1592 d.C., mas deve remontar a pelo menos um século antes dela. O terceiro, em dois códices (dos quais o segundo foi extraviado), foi copiado no século XVIII em Alepo, na Síria, pelo médico inglês Patrick Russell, que ali trabalhou durante largo espaço de tempo; seu primeiro códice está depositado na Biblioteca John Rylands, em Manchester, sob o número 647, ao passo que o segundo se extraviou. O quarto, copiado antes de 1811 na Índia, teve como base o manuscrito anterior, e está depositado na Biblioteca do India Office, em Londres, sob o número 2699. Os dois primeiros contêm 282 noites, com uma diferença: no segundo “pulou-se” a noite 253, que certamente faltava no original de onde era copiado; o terceiro, do qual somente resta a primeira metade, contém 141 noites; e o quarto, cópia deste último, contém 281 noites, porque também nele faltava a noite 253, mas o copista, percebendo a falha, resolveu por conta própria renumerar as noites.

Dito isso, a comparação do *corpus* dos quatro manuscritos demonstra notável uniformidade lingüística, o que permite falar num ramo distinto, o sírio, com características comuns remontantes a um único arquétipo, o qual, de acordo com a estimativa de Muhsin Mahdi, pertence à segunda metade do século XIII, ou mais precisamente aos seus últimos lustros. O texto, descontadas as falhas de cópia – pois os manuscritos que chegaram até os dias de hoje estão separados de seu arquétipo por pelo menos duas gerações –, é praticamente igual, com as mesmas histórias distribuídas na mesma ordem. No estema traçado por Mahdi, o primeiro manuscrito pertence a uma das duas famílias derivadas do arquétipo, ao passo que os outros três pertencem à outra, o que explicaria as variantes encontradas entre

o primeiro e os outros três; quanto às variantes entre eles, elas seriam explicáveis pela defasagem de tempo entre o segundo (século XV) e o terceiro (século XVIII) e quarto manuscritos (século XIX).

Restaria mencionar que existem restrições igualmente àquilo que pode ser chamado de “qualidade textual” do ramo sírio. O acadêmico e poeta Jamel Eddine Bencheikh, recentemente falecido, estudioso de literatura árabe e co-responsável pela mais recente tradução francesa junto com o arabista André Miquel, afirma o seguinte sobre esse ramo na introdução de sua tradução, volume 1, p. 20-21:

*Cette version, très marquée d'égyptianisme et pleine de verve populaire, est assez répétitive et s'amplifie parfois exagérément en s'attardant sur des détails, en gonflant les dialogues et en prenant des dispositions narratives tout à fait inutiles. Elle est, par ailleurs, surchargée de formules religieuses. Malgré tout cela, elle reste indispensable car elle permet à plusieurs reprises de rétablir le texte dans sa logique et la totalité de son déroulement. Certains passages descriptifs sont plus riches que dans les versions imprimées précédentes, notamment pour ce qui est des demeures, des jardins et des vêtements. Il est dommage que cette édition ne couvre qu'une petite partie de l'ensemble des Nuits.”*

Trata-se, desnecessário dizê-lo, de uma observação quase extemporânea para um estudioso de literatura. O tradutor simplesmente condena o ramo sírio por ser o que é; parece que, de sua perspectiva, repetir, amplificar por vezes exageradamente, retardar-se sobre pormenores, inchar os diálogos, sobrecarregar de fórmulas religiosas, tudo isso se torna ilícito numa obra literária. Nessa linha, quantas, em especial as da Idade Média, escapariam de sua censura? Não parece o cúmulo que um crítico literário fale em *dispositions narratives tout à fait inutiles*? Essas restrições, contudo, talvez consistam muito mais na ocultação do verdadeiro objetivo: um pretexto para efetuar a tradução a partir das edições impressas mais recentes do livro, como a segunda de Calcutá (que foi de fato a preferida) e as duas primeiras egípcias, todas do século XIX. A propósito, Bencheikh poderia ter ido mais longe, ou ter sido mais direto em suas restrições, citando, por exemplo, o fato de que os maiores problemas do dito ramo sírio residem, para o leitor moderno, no paradoxo

de um texto cujo título não corresponde ao conteúdo, e, para o tradutor, nas constantes repetições, que muita vez obrigam a extenuantes malabarismos textuais, e na virtual ininteligibilidade de várias passagens – conquanto algumas dessas passagens possam ser consideradas fruto de erros de cópia, existem outras cuja recorrência prova serem resquícios de dialetalismos hoje desconhecidos, como a utilização da partícula *kama* (“como”, “como se”) na função de indicador temporal, ou ainda giros incompreensíveis (ou somente compreensíveis pelo contexto) como *lazamatni albi‘a*, *ba‘al sálifa* e *ta-tlaqi fi annahár alhamra*. A constante presença de dialetalismos, aliás, coloca problemas de difícil solução para o tradutor, dada a diglossia (alguns chegam a falar em triglossia) do árabe: não se trata apenas de compreender tais dialetalismos, mas preferencialmente de dar-lhes um verniz por assim dizer estético que equivalha, na língua de chegada, ao da língua de partida. Note-se a seguinte questão prática: numa das passagens do livro, duas servas tecem fofocas sobre o rei, em linguagem coloquial – linguagem essa deve funcionar como índice de sua condição social. Destarte, ambas se exprimem de um modo que talvez caracterizasse, topicamente, as falas das camadas populares urbanas ou camponesas do Levante, nas quais, entre outras coisas, se lança mão da troca, afetiva, dos gêneros: “esta rei”, “coitada do rei” etc. O trecho é bastante expressivo no original, mas como vertê-lo ao português? Nas edições impressas em árabe (exceto a nunca assaz louvada edição crítica de Muhsin Mahdi), os revisores não deixaram nenhum vestígio desse fato lingüístico, expurgando-o sem piedade. Impunha-se, para o tradutor, permitir-lhe, quando menos, a *existência* em português. Reproduzi-lo tal e qual, entretanto, não seria de bom tom, pelo simples fato de que, em português, trocas de gênero são mais características de estrangeiros e dificilmente se cometem por falantes nativos. Assim, urgia encontrar uma troca equivalente à de gênero em árabe, tarefa que logo se mostrou superior às forças do tradutor, porquanto, em nenhum caso, lhe seria possível substituir tal uso afetivo; em português, sempre, o “erro” ficaria estigmatizado como fruto de “ignorância”, apenas. Optou-se, finalmente, pelo uso de um “desvio” muito comum, no Brasil, em relação à norma culta, que é a troca de número (mistura de plural e singular), muito embora a impressão subsequente fosse a de que, do ponto de vista estético, o resultado foi bem dessemelhante.

Todos os supostos defeitos apontados, porém, constituem vigorosa evidência da antiguidade da redação desse ramo *vis-à-vis* o ramo egípcio tardio, que foi estilizado e cujas obscuridades são de pouca monta, devendo-se, na maioria dos casos, a crassos equívocos de cópia e revisão. Não chegam a ser um desafio para a tradução.

O que efetivamente fez embatucar mais de um estudioso do livro, porém, é a aparente “incompletude” dos manuscritos do ramo sírio – a incompletude aqui compreendida como falta ou defeito, legíveis na gritante e já mencionada contradição entre o nome da obra e o seu conteúdo. Ou seja, teria sucedido algum problema durante o processo de transmissão desses manuscritos. Reforça a hipótese da incompletude o fato de a última história constante desses manuscritos – a do rei Qamaruzzaman (é também comum a transcrição Qamar al-Zaman, preferida pela maioria), seus filhos Amjad e As‘ad e a princesa Budur – encontrar-se incompleta, interrompida no mesmo ponto, logo em seu início, em todos os quatro manuscritos desse ramo. E essa história somente se encontra completa no ramo egípcio: nos manuscritos tardios – um do século XVIII sobre o qual se discorrerá adiante e outros do século XIX – e nas edições impressas que os tomaram como base. A posição que neles ocupa, conforme se afirmou nas notas da tradução, parece ser fruto de um remanejamento provocado pela demora em se conseguir as partes restantes da história. No mais antigo dos manuscritos do ramo egípcio, o “Arabe 3612” (século XVII), da Biblioteca Nacional de Paris, a história tampouco se encontra completa, muito embora se interrompa num ponto bem mais avançado do que o ponto em que se interrompe no ramo sírio. Tal fato pode constituir uma evidência do seguinte: da mesma maneira que outras histórias constantes do *Livro das Mil e Uma Noites* (tais como as aventuras dos irmãos do barbeiro ou a narrativa de Jullanar, a marítima), a história de Qamaruzzaman, Budur, Amjad e As‘ad estava sendo adaptada de fontes preexistentes quando o responsável pela coletânea se deu conta de que ela não servia a seus propósitos ou então de que, após verificar que a história não se encontrava completa também nos materiais por ele utilizados, não conseguiu providenciar uma cópia completa nem encontrou alguém que a conhecesse de cor, conforme era comum na época. Naquele que Muhsin Mahdi classifica como o mais antigo *corpus* dessa história

que chegou até nossos dias, o constante do manuscrito “Bodleian Oriental 551”, da Biblioteca Bodeliana, do século XVIII, existem claros indícios – em especial no tocante à sua precária divisão em noites – de que a cópia foi realizada com base em uma fonte que, originariamente, não fazia parte do *Livro das Mil e Uma Noites*. Em sua edição crítica da obra, Muhsin Mahdi, com razões muito bem argumentadas, preferiu, num anexo, editar o *corpus* do manuscrito “Bodleian Oriental 551” em vez do *corpus* de algum dos manuscritos egípcios mais tardios ou de suas edições impressas. Contudo, também no caso desta história Jamel Eddine Bencheikh, no segundo volume dos três de sua tradução, increpou-lhe a versão mais antiga, preferindo lançar mão, para o seu trabalho, da versão impressa da edição de Bulaq, a qual, segundo ele, *souligne l’aspect artificiel, voire l’inutilité de la traduction du seul texte établi par Mahdi* (p. 10). E, em nota no pé dessa página, o insigne estudioso acrescenta o seguinte: *Elle a été pourtant faite: The Arabian Nights, translated by Husein Haddawy, based on the text edited by Muhsin Mahdi, W. W. Norton, New York-London, 1990, XXXI-428 p.* Na mesma página, ainda, e a respeito da mesma história, ele observa ainda: *Nous ne retenons pas ici le conte de Ni’ma et Nu’m, que les éditions placent incompréhensiblement à la 237<sup>a</sup>. Nuit, à un moment où l’intensité du récit ne tolère pas cette digression.*

Os três trechos acima transcritos são em verdade inacreditáveis, e talvez falem bem mais do que pretendem. No primeiro, seria de notar que a artificialidade está toda, inteira, na edição impressa de Bulaq, cujo texto foi alambicado e simplificado, com eliminação de cenas e vocábulos e alteração na ordem dos eventos, trazendo ademais episódios obscenos visivelmente enxertados bem mais tarde com o fito, quem sabe, de excitar a curiosidade do leitor. Nada contra obscenidades, erotismos e pornografias (seria o caso de dizer: antes pelo contrário!), mas quem os lê nota que não condizem com o andamento primitivo da narrativa, e seu efeito é o mesmo – tolere-se a imagem – de pisar nos freios e no acelerador ao mesmo tempo. (A título de exemplo, qualquer comparação superficial com as passagens obscenas da história do carregador e das três damas de Bagdá demonstra cabalmente: o que ali é evidente fruto de uma necessidade interna da narrativa, aqui não passa disso mesmo: enxerto

artificial para excitar, mas que passa ao largo das necessidades impostas pelo andamento da narrativa). Isso não significa que tais enxertos devam ser extirpados por quem se abalance à tradução das versões em que estão enxertados, uma vez que a mera subtração consistiria em intoleráveis, hoje, arrogância e brutalidade relativamente aos desígnios dos que assim elaboraram e consumiram a história em seu formato diferenciado. Em minha tradução, embora eu não tivesse utilizado, para a história de Qamaruzzaman, a versão que contém as adições obscenas, temi ser acusado de moralismo hipócrita e introduzi, num anexo, todas as obscenidades que haviam sido enxertadas no ramo egípcio tardio e, conseqüentemente, nas suas edições impressas, e, indo mais longe, até mesmo no incompleto manuscrito Arabe 3612 da Biblioteca Nacional de Paris.

No segundo trecho supracitado, evidencia-se que o tradutor ao francês nem sequer se deu ao trabalho de folhear a tradução de Haddawy. Caso o tivesse feito, teria percebido, sem grande esforço, que aquele tradutor, embora houvesse traduzido o *corpus* do manuscrito “Arabe 3609-3611” tal como estabelecido na edição de Muhsin Mahdi, nele não incluiu a história de Qamaruzzaman, da qual somente o começo consta desse manuscrito. O próprio Haddawy, aliás, afirma na página XVI do primeiro volume, na introdução, ter traduzido integralmente o *corpus* do manuscrito ora citado, com uma exceção: *The only exception is the ‘Story of Qamar al-Zaman’, of wich only the first few pages are extant in any Syrian manuscript, and for this reason I have not included it in the present translation*”. Já no segundo volume, Haddawy de fato incluiu uma versão de Qamaruzzaman, explicando porém o seguinte – por coincidência na página XVI: *For ‘Qamar al-Zaman’ and ‘Sindibad’, I chose the Bulaq edition over the second Cacutta, wich is its rival among critics as the ‘standard edition’, simply because the Bulaq is less of a quilt, having fewer accretions and fewer random additions.*

A terceira observação de Jamel Eddine Bencheikh certamente faria mais de um amante de literatura esfregar os olhos, incrédulo. A história de Ni‘ma e Nu‘m consta de todas as versões completas da história de Qamaruzzaman, onde aparece sempre encaixada no mesmo ponto, nas proximidades do final. Não existe, portanto, nenhuma legitimidade filológica em excluí-la, ainda que as razões

do tradutor ao francês mereçam ser debatidas: com efeito, no ponto em que se insere, a história de Nu'm e Ni'ma parece destoar da "intensidade do relato", mas talvez essa seja uma impressão simplesmente anacrônica. Sua função, no texto, parece ser, entre outras, a de efetuar, sem dor, a passagem do tom sério ao burlesco, servindo para marcar, simultaneamente, a modificação do caráter de seu narrador, o mago zoroastra Bahram, que passa da perversidade destrutiva e ativa à bondade inócua e passiva, e daí à total nulificação.

Seja como for, fica claro que todas as intervenções de Jamel Eddine Bencheikh, muito agudas, incisivas e arbitrárias, se escondem sob justificativas que se apresentam como naturais, categóricas e inevitáveis, pequenas sentenças ligeiras, quase silenciosas, e que todavia são de gravíssima magnitude, na prática uma manipulação do texto a ser traduzido. Li e reli o original, e em seguida minha tradução, feita sobre esse *corpus* tão massacrado, mas não consegui vislumbrar os defeitos apontados por Bencheikh, cuja única desculpa, *a posteriori*, para tamanhas arbitrariedades é a existência de várias outras traduções francesas, o que lhe abria um vasto horizonte experimental, de qualquer modo não explorado pelo tradutor em todas as suas virtualidades.

Uma coisa é certa quando se recorre à criticada divisão do *Livro das Mil e uma Noites* em ramos: nos manuscritos egípcios mais antigos em que se constata a tentativa de ir além do *corpus* do ramo sírio, as histórias e a divisão por noites encontram-se em tal estado de confusão que se afigura perfeitamente razoável a suposição de que o livro somente foi completado num período bem tardio, ou seja, na segunda metade do século XVIII, e de que a "virada" fundamental para que ele atingisse um número de noites que lhe correspondesse ao título situa-se na decisão de nele incluir a enorme história de 'Umar Annu'mán, com sua infindável quantidade de sub-histórias e proliferação de narradores. Os mais antigos manuscritos nos quais essa história foi introduzida e que sobreviveram até os dias de hoje são o "Arabic 646", da John Rylands Library, em Manchester, e o "Ma VI 32", da Biblioteca da Universidade de Tübingen, na Alemanha, ambos do século XVI. O primeiro, que pertenceu ao orientalista francês Jean Varsy, contém noites cuja numeração vai de 255 a 541 (sem nenhuma similaridade com os manus-

critos do ramos sírio), e, afortunadamente, além da história de ‘Umar Annu‘mán quase na totalidade, apresenta ainda, ao contrário de seu similar depositado na Alemanha, algumas outras narrativas que permitem especular sobre o gênero preferido de relatos dos primeiros recenseadores do *Livro das Mil e Uma Noites*, após as suas fases de elaboração primitiva entre os séculos IX, da qual se sabe pouquíssimo, e XIV, quando da confecção do ramo sírio. Trata-se sobretudo de relatos mais leves, tendentes ao cômico amoroso e que não raro mimetizam situações narrativas. A sucessividade das histórias é por vezes caótica, com repetições, idas e vindas que confundem o leitor contemporâneo, deixando a impressão de trabalho em processo de conclusão ou até mesmo de uma espécie de rascunho; suas subdivisões e encaixes tampouco estão imunes a confusões, como é o caso da história de Ghánim, o injustiçado espoliado, que, conquanto nas edições mais recentes das noites apareça como relato “independente” (ou seja, narrado diretamente por Xahrazad), nos manuscritos mais antigos (inclusive no “Arabe 3612”) encontra-se dentro da história de ‘Umar Annu‘mán, narrado por um de seus personagens.

A numeração das noites é igualmente problemática nesses manuscritos, pois em muitos passos ocorrem omissões e repetições, e isso vai se acentuando conforme avançam as páginas; é como se os escribas copiassem manuscritos de origens diversas, sem fazer os devidos esforços para adaptá-los dentro de um todo coerente, ou então, esgotados ou enfiados pelo acúmulo e pela rotina do trabalho infundável e desprovido de regras – uma vez que se tratava de uma obra com o texto ainda não estabelecido nem atribuído a uma autoridade reconhecida –, comesçassem a cometer mais e mais erros. No manuscrito “Arabe 3612”, do século XVII, resta, ademais, uma evidência de que, a dada altura, para completar o livro, qualquer coisa passara a valer: seu responsável resolveu incorporar a ele o arqui-conhecido *Livro de Kalila e Dimna*, o que dá uma boa medida do “vale-tudo” em que poderiam se transformar as tentativas de completar o livro. São fatos como esse que permitem avaliar melhor e respeitar a iniciativa de um mestre-escriba do Cairo, na segunda metade do século XVIII, que conseguiu, sem atitudes literariamente invasivas, criar um *corpus* composto por mil e uma noites, o qual, a

despeito de não primar pela coerência, pelo menos é correto e não agride os apreciadores de boa literatura.

É por tais razões que, para o terceiro volume da edição em português do *Livro das Mil e Uma Noites*, a idéia é traduzir o que for traduzível do espólio ao qual a crítica, por falta de melhor denominação, chamou de “ramo egípcio antigo”, e que consiste, basicamente, nas histórias constantes das primeiras tentativas, levadas a cabo no Egito, de completar o livro, inclusive aquelas que não tiveram maior desenvolvimento, como é o caso da história de Sul e Xumul, constante originariamente da obra *Histórias Espantosas e Crônicas Assombrosas* e que, aparentemente, apenas um escriba solitário do século XVI tentou incorporar às noites, sem contudo concluir sua tarefa. A partir do quarto volume, a idéia é concentrar-se definitivamente na tradução do que a crítica chama de “ramo egípcio tardio”, e que se deve à notável dedicação daquele anônimo mestre-escriba caiota e sua iniciativa da segunda metade do século XVIII.

## REFERÊNCIAS:

- JAROUCHE, Mamede Mustafa. O Prólogo-Moldura das *Mil e uma noites* no Ramo Egípcio Antigo. *Tiraz*. Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio, São Paulo, n. 1, p. 70-117, 2004.
- Kitáb Alf Layla wa Layla*. Revisão de ‘Abdurrahman Assifati Axxarqáwy. Cairo: s.e., 1835. 2 v. *Les mille et une nuits*. Edition de Jamel Eddine Bencheikh et André Miquel. Paris: Gallimard, 1991 /1996. (v. 1 e 2), 1996 (v. 3). 3v.
- Livro das mil e uma noites*. Traduzido do árabe por Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Globo, 2005. 2 v.
- MAHDI, Muhsin. *The thousand and one nights (Alf Layla wa Layla)*. From the earliest known sources. Leiden: Brill, 1984 /1994. (vol. 1 e 2), 1994 (vol. 3). 3v.
- The arabian nights*. Translated by Husain Haddawy. New York /Toronto: Everyman’s Library, 1992 (v. 1), 1998 (v. 2).
- ZOTENBERG, H. *Histoire d’Alâ Al-Dîn ou La lampe merveilleuse*. Texte arabe publié avec une notice sur quelques manuscrits des *Mille et une nuits*. Paris: Imprimerie Nationale, 1888.

